

A organização urbana das missões Guaranis, Chiquitos, Mojos e Maynas em uma perspectiva comparada

Ione Aparecida Martins Castilho Pereira ¹

Resumo: Este artigo tem por finalidade apresentar uma análise comparativa dos planos urbanos das missões jesuíticas Guaraní, Chiquitos, Mojos e Maynas. O objetivo deste estudo é saber em que medida o projeto evangelizador empreendido pela Companhia de Jesus foi semelhante e diferente na organização espacial destas quatro espacialidades missionárias. Para responder este questionamento, estabelecemos como delimitação temporal os anos de 1607 a 1767. Tais datas se referem ao início da ação jesuítica nas missões Guaraní, passando pelas fundações das missões de Maynas (1636), Mojos (1682) e Chiquitos (1690), e, por fim, a data de expulsão dos jesuítas da América Espanhola (1767). Já as fontes que constituem o foco de nossa análise e comparação são tanto documentais quanto bibliográficas. Sendo assim, queremos avançar para além das breves comparações e das justaposições de informações em blocos de sínteses. Dessa forma, pretendemos demonstrar, por meio de uma análise comparativa, que as diversas formas de existir produzidas por indígenas e jesuítas nessas espacialidades missionárias criaram como resultado desta relação com o espaço habitado tanto diferenças quanto semelhanças.

Palavras-chave: Comparação; Espaço; Grupos Indígenas; Missões Jesuíticas Espanholas Guaranis, Mojos, Chiquitos e Maynas.

The urban organization of the Guaranis, Chiquitos, Mojos, and Maynas missions in a comparative perspective

Abstract: This paper aims to present a comparative analysis of the urban plans of the Jesuit missions Guaraní, Chiquitos, Mojos, and Maynas. The study objective is to learn to what extent the evangelizing project undertaken by the Society of Jesus was similar and different in the spatial organization of these four missionary contexts. To answer this question, we have established the years between 1607 and 1767 as research time frame. These dates refer to the beginning of Jesuit action in the Guaraní missions, covering the foundations of the missions of Maynas (1636), Mojos (1682), and Chiquitos (1690), to the expulsion of the Jesuits from Spanish America (1767). Our analysis and comparisons focus on both documentary and bibliographical sources. Thus, our goal is to go beyond brief comparisons and juxtapositions of information in blocks of syntheses, establishing a comparative analysis to demonstrate that the diverse forms of existence produced by the natives and the Jesuits in these missionary contexts created both differences and similarities as a result of this relationship with the inhabited space.

Keywords: Comparison; space; indigenous groups; Spanish Jesuit missions Guaranis, Mojos, Chiquitos and Maynas.

Artigo recebido em: 04/10/23

Artigo aprovado em: 20/11/23

¹ Instituto Federal de Mato Grosso/IFMT - Campus de Cáceres. E-mail: ione_castilho@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6172-4972>.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema das *missões jesuíticas* surgiu quando ainda cursávamos a graduação em História pela Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. Naquela ocasião, tínhamos de desenvolver um artigo final para a conclusão da disciplina de História Regional, e o assunto sugerido pelo professor foi sobre a Capitania de Mato Grosso e suas relações fronteiriças com as missões jesuíticas espanholas de Chiquitos e Mojos. Sendo assim, as fontes que deveríamos consultar estavam disponíveis no catálogo do Arquivo Histórico Ultramarino de Portugal, que compõe parte do acervo do Núcleo de Documentação de História Escrita e Oral (NUDHEO)/UNEMAT.

O documento que nos interessou no catálogo foi o *Auto de Inquirição do Soldado Romero, sobre o ouro e o comércio ilícito que os curas da missão de Baures praticava com os portugueses do destacamento de Santa Rosa*². A transcrição desse Auto de Inquirição nos despertou o interesse em sabermos mais sobre o destacamento português e suas relações com as missões de Mojos. E foi a partir de um levantamento bibliográfico preliminar, realizado ao final da graduação, que percebemos que o referido destacamento se tratava de uma antiga missão jesuítica espanhola estabelecida na margem direita do rio Guaporé, em 1743. Foi aí que tivemos o primeiro contato com o nosso objeto de pesquisa, entretanto, foi somente no mestrado realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS (2006-2008) que esta pesquisa se materializaria na dissertação intitulada *Missão jesuítica colonial na Amazônia Meridional: Santa Rosa de Mojo uma missão num espaço de fronteira (1743-1769)*.

As especificidades que nos instigaram a eleger Santa Rosa de Mojos como objeto de pesquisa que resultou na dissertação, teve o propósito de sabermos quais eram os grupos indígenas envolvidos na construção daquele espaço, além de compreendermos quais os motivos que levaram à sua fundação, bem como as ações desenvolvidas pelos portugueses para ocupar essa antiga missão jesuítica e nela estabelecer uma fortificação que receberia o nome de Fortaleza da Conceição e, mais tarde, Forte de Bragança. A delimitação temporal para o estudo da missão de Santa Rosa foi

² Documento 887, caixa 15 – AHU (Arquivo Histórico Ultramarino). 1770, Março, 30. Núcleo de Documentação de História Escrita e Oral da Universidade do Estado de Mato Grosso (NUDHEO/Unemat).

de 1743 a 1769. Tais datas são, respectivamente, referentes ao ano da fundação da missão jesuítica em questão e ao período em que houve a mudança do nome de Nossa Senhora da Conceição para Forte de Bragança, pois pouco tempo depois essa fortificação portuguesa seria substituída pela construção do Forte Príncipe da Beira.

Na dissertação, abordamos o espaço compreendido pelas principais redes fluviais constituídas pelos rios Beni, Marmoré, Guaporé e seus afluentes, bem como os diversos grupos indígenas orientados por essas margens (que no início do século XVIII teriam seus primeiros contatos com as frentes de colonização luso-espanholas). Apresentamos ainda, mesmo que de forma superficial, um breve estudo comparativo das missões jesuíticas Guaranis, Chiquitos e Mojos, evidenciando assim algumas semelhanças e diferenças entre seus planos urbanos. Além de oferecermos um panorama sobre como estavam organizadas as espacialidades das missões jesuíticas de Santa Rosa, São Miguel e São Simão, bem como a articulação dessas missões com o espaço colonial³.

A ideia de comparar as missões jesuíticas Guaranis, Chiquitos e Mojos e inseri-las como parte da pesquisa sobre Santa Rosa no trabalho surgiu após a palestra da professora Leny Caselli Anzai (PPGHIS/UFMT), durante o minicurso intitulado *Missão por redução: experiências americanas*⁴. Em sua apresentação sobre *Missões: territórios diversos, múltiplas fronteiras*, a referida pesquisadora enfatizou que as missões de Chiquitos e Mojos se encontravam *nos mesmos “moldes” das missões Guarani* (ANZAI, 2008, pp. 141 e 148)⁵. Além de abordar essas missões do Oriente Boliviano de forma conjunta, a palestrante reforçou, ainda, a ideia de que as missões

³ Demos maior ênfase à missão jesuítica espanhola de Santa Rosa de Mojos, que, a partir de 1760, tornar-se-ia uma fortificação portuguesa às margens do rio Guaporé. Tal ação praticada pelos portugueses foi considerada um desrespeito ao Tratado de Madri (1750), e os espanhóis nunca aceitaram tal atitude, gerando, dessa maneira, uma contenda pela posse de Santa Rosa. O estranhamento causado pela demarcação de limites na fronteira oeste da Capitania de Mato Grosso culminou em um conflito fronteiriço luso-espanhol pela retomada daquela espacialidade por parte dos espanhóis. Para maiores detalhes, consultar: Castilho Pereira, Ione Ap. M. *Missão jesuítica colonial na Amazônia Meridional: Santa Rosa de Mojo uma missão num espaço de fronteira (1743-1769)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

⁴ Atividade ministrada pelas professoras Leny Caselli Anzai (Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Mato Grosso, PPGHIS/UFMT), Maria Cristina Bohn Martins (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), Eliane Cristina Deckmann Fleck (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) durante o XXIV Simpósio Nacional de História (ANPUH) – História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. Unisinos, de 15 a 20 de julho de 2007, São Leopoldo/RS. Para maiores detalhes sobre a ementa do minicurso, consultar <https://bit.ly/2KurziU>.

⁵ Uma versão semelhante ao que foi apresentado na palestra se encontra publicada no livro *Estudos sobre os Chiquitanos no Brasil e na Bolívia: história, língua, cultura e territorialidade*. Organizadora Joana A. Fernandes Silva. Goiânia: Ed. da UCG, 2008. O artigo ao qual nos referimos recebe o título nessa coletânea de *Missões Religiosas e a Capitania de Mato Grosso*.

jesuíticas passariam a ter sua importância enquanto espacialidades espanholas, a partir de dois momentos: o primeiro motivado pelos portugueses da Capitania de Mato Grosso que as encarariam como obstáculo a sua febre expansionista de alcançar as minas de Potosí (Alto Peru), e em um segundo momento, já sem os jesuítas, como estabelecimentos propícios à realização do contrabando fronteiriço. Tal atitude, entretanto, desconsidera um conjunto de características que constituiu cada uma das referidas missões em suas respectivas espacialidades. Pois, como bem salienta Josep M. Barnadas, tratar as missões de Mojos e Chiquitos de forma conjunta *ha dejado abierta la puerta a una confusión: la que ignora que, mientras Mojos era parte de la Provincia Peruana, Chiquitos lo era de la del Paraguay* (EDER, [1772] 1985, p. XLVII).

Isso nos chamou muito atenção porque à medida em que avançávamos em nossa pesquisa sobre Santa Rosa e as missões de Mojos durante a realização do mestrado, percebíamos que essas missões não eram simplesmente a imitação de um *molde* idêntico do que havia sido desenvolvido entre as missões Guarani. Sendo assim, resolvemos aprofundar as pesquisas e preparar um estudo que pudesse apontar as possíveis semelhanças e diferenças existentes entre os planos urbanos das missões Guaranis, Mojos e Chiquitos⁶. Nesse entendimento, tomamos como ponto de partida as experiências dos indígenas antes do contato com as frentes de colonização, bem como o seu posterior estabelecimento em um novo espaço dado pelas missões jesuíticas. Desse modo, procuramos relacionar as pesquisas realizadas nas missões Guarani (sobre urbanidade, espaço e arqueologia) com os dados bibliográficos e documentais que tínhamos até aquele momento sobre as missões de Chiquitos e Mojos, assim como das populações indígenas presentes nesses espaços.

Durante a realização deste breve estudo comparativo, notamos que as bibliografias que consultamos sobre as outras áreas missioneiras jesuíticas sempre remetiam à experiência Guarani para ressaltar as similaridades entre elas ou para mostrar o que seria singular em cada espacialidade. A esse respeito, citamos o artigo do arquiteto Victor Hugo Limpas Ortiz, intitulado *Missões de Moxos*. Nesse texto, o autor salienta que mesmo que as distintas missões jesuíticas seguissem os mesmos decretos reais, critérios e modelos administrativos, a *autonomía de cada región, junto a las*

⁶ Este estudo gerou um artigo que foi apresentado inicialmente com o título *Urbanismo Misionero: ensaio comparativo das reduções de Guarani, Chiquitos e Mojos* no III Seminário Internacional de História: Instituições, Fronteira e Política na América História Sul-Americana, XIII Seminário do Departamento de História, III Fórum do Programa de Pós-Graduação em História, realizado no período de 04 a 06 de setembro de 2007, na Universidade Estadual de Maringá – UEM. Entretanto, só foi publicado em sua íntegra na revista eletrônica História em Reflexão: vol. 2 n. 4 – UFGD – Dourados jul/dez 2008b, sob o título *Missões Jesuíticas Coloniais: um estudo dos planos urbanos*.

diferencias geográficas y culturales, permitió el surgimiento de diferencias, dentro de un marco común estructural (ORTIZ, 2007, p. 76).

Já no livro do historiador Alcides Parejas Moreno sobre *Historia del Oriente Boliviano siglos XVI y XVII*, observamos a ênfase na semelhança total entre as missões jesuíticas, pois, segundo o autor, as missões de Mojos e Chiquitos *tenían la misma organización que las reducciones del Paraguay en cuando a lo social, religioso laboral y educativo, e incluso la misma estructura en cuanto los mismo pueblos* (MORENO, 2011, p. 151). Entretanto, também encontramos pesquisas que sugerem um desenvolvimento similar ou comum entre as missões jesuíticas, como é caso do livro dos historiadores Arno Alvarez Kern e Robert Jackson sobre as *Missões Ibéricas Coloniais: da Califórnia ao Prata*, em que os autores pretendem, a partir de uma abordagem comparativa, evidenciar a existência de um modelo comum no desenvolvimento das missões Guarani com as missões do norte do México colonial. Para os autores, *a coroa espanhola autorizava e apoiava missões tanto na América do Norte como na do Sul, seguindo um modelo de desenvolvimento similar e com os mesmos objetivos básicos* (KERN; JACKSON, 2006, p. 12).

Notamos ainda, durante o desenvolvimento de nosso breve estudo comparativo, que havia uma certa singularidade entre as missões de Mojos e Chiquitos em relação às missões de Maynas. Tal semelhança foi percebida ao lermos o artigo *Maynas, una misión entre la ilusión y el desencanto* da coletânea *Un reino en la frontera – las misiones jesuíticas en la América Colonial*, organizada pela arquiteta Sandra Negro e pelo padre jesuíta Manuel M. Marzal, publicado no ano de 1999. Nesse estudo, pudemos perceber que nas missões de Maynas, assim como nas missões de Mojos, as vivendas eram construídas sobre estacas, também conhecidas como *barbacoas*, a fim de evitar não só as inundações, mas também que as águas dos rios afetassem as paredes dos edificios revestidas de barro. A carência de material construtivo para edificação das vivendas em Mojos e Chiquitos, tais como pedra e argila, também pode ser percebida nas missões de Maynas. Segundo Sandra Negro, os padres tentaram fabricar *ladrillos, pero debieron desistir muy pronto, ya que estos se quebraban por la falta de arcilla de calidad* (NEGRO, 1999, p. 289). No entanto, não avançamos nossas pesquisas com relação a essa missão, ficando reservada a ela apenas uma nota de pé de página ressaltando sua similaridade com relação às outras missões no que tange à construção de vivendas e ao material empregado nas suas edificações.

Os tópicos que aqui levantamos se destacaram durante o desenvolvimento da dissertação, mas como eles não constituíam os objetivos de nossa temática proposta (estudo do espaço missional de Santa Rosa de Mojo), não puderam ser aprofundados. Dessa maneira, o que nos instigou a propor esta investigação para o doutorado, agora com outras questões a serem pesquisadas, foi um marco temporal mais abrangente e o acréscimo da missão de Maynas, para que então, pudéssemos saber em que medida o projeto evangelizador empreendido pela Companhia de Jesus foi semelhante e diferente na organização espacial dos planos urbanos das quatro espacialidades missioneiras elencadas.

Método

Diante dessas considerações, algumas perguntas ficaram para ser respondidas, tais como: em que medida essas missões jesuíticas foram semelhantes ou diferentes em sua organização espacial? Onde estão as diferenças? E, em caso de diferenças, quais seriam esses elementos dessemelhantes na organização espacial das missões? Ou quais seriam as semelhanças? Onde elas estão? Quais foram os elementos que contribuíram para que fossem geradas tanto as semelhanças como as diferenças entre as missões? Para responder esses questionamentos, estabelecemos a delimitação temporal para os anos de 1607 a 1767. Tais datas são, respectivamente, referentes ao início da ação jesuítica nas missões Guarani, passando pela fundação das missões dos Maynas, no ano de 1636, de Mojos, no ano de 1682, e Chiquitos, no ano de 1690, e como marco temporal final da pesquisa, escolhemos a expulsão dos jesuítas da América Espanhola, no ano de 1767. Escolhemos esta temporalidade tão extensa porque como se tratar de uma análise comparativa das organizações espaciais das missões jesuíticas em questão, tornando-se muito difícil delimitar o momento exato em que essas diferenças e semelhanças ocorreram.

Já a inserção da missão de Maynas na pesquisa se deu por duas razões: primeiramente porque essa missão pertenceu inicialmente à Província Jesuítica do Peru, entretanto, devido às grandes distâncias entre a cidade de Lima (capital do vice-reinado do Peru) e a cidade de Quito (atual território de Colômbia e Equador (SIEVERNICH, 1996)), acabou dependendo *siempre de la Compañía de Jesús de la Provincia de Quito y administrativamente formaba una sola Gobernación bajo la responsabilidad de un gobernador, nombrado por el rey* (NEGRO, 1999, p. 272). A segunda razão se deve à proximidade espacial dessa missão com as missões de Mojos (que também

pertencia à Província Jesuítica do Peru), e, em uma análise mais ampla, essas missões (Maynas e Mojos) se encontravam sincronicamente vizinhas no tempo e no espaço das missões jesuíticas de Chiquito e Guaraní (ambas pertencentes à Província Jesuítica do Paraguai).

Deste modo, o que nós propomos é avançar para além das breves comparações (alusões parciais que os autores que se dedicam ao tema missões realizam sobre outras missões jesuíticas a fim de evidenciar as semelhanças ou as diferenças em relação ao seu objeto de estudo) e das justaposições de informações (sínteses que examinam vários aspectos de uma determinada temática como se fossem blocos em superposição), para então, demonstrar através de uma análise comparativa, que as diversas formas do existir, produzidas por indígenas e jesuítas nestas espacialidades missioneiras, criaram como resultado desta relação com o espaço habitado tanto as diferenças como as semelhanças.

Sendo assim, para analisarmos quais foram os elementos semelhantes e diferentes na organização espacial das missões Guaranis, Chiquitos, Mojos e Maynas, e com isso, ter um parâmetro organizativo *do que pode* e *o que não pode ser comparado*, e *o que e como observar*, bem como, a maneira como os resultados observados serão *tratados*, é que se torna necessário o uso do método comparativo preconizado por Marc Bloch em 1928 no campo da História Comparada. Em seu artigo “Para uma história comparada das sociedades européias”, Bloch salienta que o método comparativo em história consiste em:

escolher, em um ou vários meios sociais diferentes, dois ou vários fenômenos que parecem, à primeira vista, apresentar certas analogias entre si, descrever as curvas de sua evolução, encontrar as semelhanças e as diferenças e, na medida do possível, explicitar umas e outras. São portanto necessárias duas condições para que haja, historicamente falando, comparação: uma certa semelhança entre os dados observados – o que é evidente – e uma certa dissemelhança entre os meios onde tiveram lugar. (BLOCH, 1996a, p. 120)

Bloch distingue ainda dois tipos de comparação, que segundo ele, dependendo do campo de estudo há possibilidade de duas aplicações totalmente diferentes pelos seus princípios e resultados, que são: *sociedades separadas no tempo e no espaço* (em que as analogias observadas não possam explicar-se por influências mútuas ou origem comum) e as *sociedades vizinhas no tempo e no espaço* (neste caso as influências são mútuas devido à proximidade e o sincronismo, e remontam, pelo menos em parte, a uma origem comum).

Neste sentido, nossa pesquisa se insere na segunda tipologia do método comparativo proposto por Marc Bloch, já que preenche todos os requisitos para que haja uma comparação entre

duas ou mais *sociedades vizinhas no tempo e no espaço*, pois, além de ser preferível, como salienta o próprio autor, *é também o mais rico cientificamente* (BLOCH, 1996a, p. 123). Sendo assim, escolhemos como *unidade de análise* a estrutura urbana destas espacialidades missionárias, e as formas espaciais que serão comparadas são: Igreja, pátio dos artificios e claustro, cotiguaçu, residência indígena e praça. Já, os elementos que foram analisados em nossa pesquisa são: o espaço geográfico, a organização espacial indígena e o contexto colonial, afinal, eles contribuíram tanto para o surgimento de diferenças como de semelhanças.

Dessa forma, estruturamos os dados de nossa pesquisa de maneira sucinta e inter-relacionados, para que assim pudéssemos demonstrar com maior clareza tanto as diferenças como as semelhanças entre as missões comparadas. E para evitar a justaposição de informações em blocos de sínteses, dispomos o elemento analisado de maneira que, no decorrer da comparação, seja possível perceber se o que estamos comparando é característica de uma determinada missão ou se é comum a todas elas, para então tentarmos, na medida do possível, explicar porque tais semelhanças e diferenças ocorreram entre as espacialidades missionárias.

Além da definição do método, é importante destacar que utilizamos conceitos da área de Geografia⁷, tais como espaço, paisagem, espacialidade e organização espacial, território e territorialidade, para compreendermos o espaço em que essas missões jesuítas se instalaram, bem como a maneira como os grupos étnicos se encontravam organizados espacialmente antes de se tornarem indígenas missionários, a fim de evidenciar que, este espaço socialmente produzido por indígenas e jesuítas nestas missões, não foi vivenciado e muito menos percebido da mesma maneira pelos diversos grupos indígenas envolvidos neste processo, o que favoreceu de certa maneira, o surgimento tanto de semelhanças como de diferenças nestas espacialidades missionárias.

Já, as fontes que constituíram o foco de nossa análise e comparação foram tanto documentais (com destaque para Diários, Cartas Anuas, Relatos, Informes) quanto bibliográficas (tais como *Los indios del alto Amazonas del siglo XVI al siglo XVIII – Poblaciones y migraciones em la antigua provincia de Maynas*, Waltraud Grohs (1974), *Chiquitos – História de uma utopia*, Alcides Parejas Moreno e Virgilio Suarez Salas (1992), *La cultura reducional de los Llanos de Mojo* David Block (1997), *Missões: uma utopia política* Arno Alvarez Kern (1982)).

⁷ Os conceitos aqui apresentados foram discutidos com maior profundidade na pesquisa intitulada **Em tudo semelhante, em nada parecido: Uma análise comparativa dos planos urbanos das missões jesuítas de Mojos, Chiquitos, Guarani e Maynas (1607 – 1767)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2014.

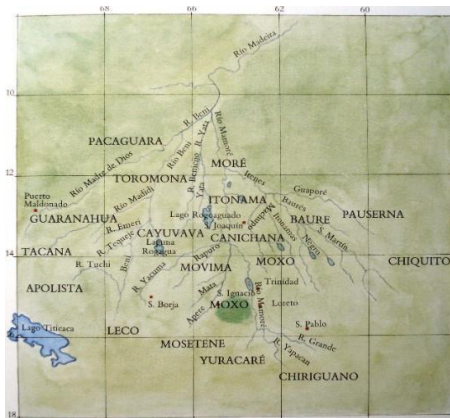
Portanto, o fio condutor que interconecta toda esta pesquisa é o projeto evangelizador empreendido pela Companhia de Jesus nas quatro espacialidades missionárias. Desse modo, o que nós queremos saber é quais foram os elementos semelhantes na organização espacial das missões Guarani, Chiquitos, Mojos e Maynas (no que realmente se parecem) e quais elementos lhes seriam únicos (o que as diferenciavam entre si), e na medida do possível, explicar o porquê que elas ocorrem.

Resultados

Ao analisarmos os espaços sócio geográficos em que foram fundadas as missões jesuíticas dos Guarani, Chiquitos, Mojos e Maynas, já que não temos um parâmetro do que pode ou não ser comparado entre esses elementos, percebemos que havia uma diversidade não só linguística, mas também de desenvolvimento sociocultural (Fig. 1,2,3,4). Estas variadas formas de se organizar no espaço, produzidas pelas diversas etnias indígenas presentes nessas espacialidades, são importantes antecedentes para compreendermos a complexidade dos conjuntos urbanos missionários, e como elas influenciariam, de certo modo, a maneira como as missões jesuíticas dos Guarani, Chiquitos, Mojos e Maynas se organizariam espacialmente, gerando, como resultado desta relação/interação com o espaço habitado, tanto diferenças como semelhanças entre essas espacialidades missionárias.

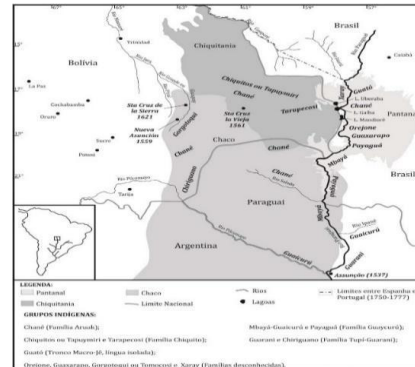
Já a ação da Companhia de Jesus analisada nessas quatro espacialidades missionárias foi bastante semelhante no que tange aos objetivos da ordem, à pacificação e atração dos indígenas para a vida nas missões, à adoção de um idioma geral diante da diversidade étnica, bem como à criação de milícias indígenas para guarda da fronteira. A única exceção, nesse caso, foi a solicitação feita pelos índios chiquitos pela presença dos jesuítas em seus territórios. No que se refere ao contexto colonial em que as quatro espacialidades missionárias estavam inseridas, todas sofreram problemas em relação às *encomiendas* e à fronteira com os portugueses. A diferença aqui está relacionada ao espaço geográfico em que essas missões foram fundadas, elemento este que influenciou principalmente o desenvolvimento das missões de Maynas. Portanto, mesmo que as missões obedecessem a um plano geral de ações políticas comuns a todas elas, as diferenças, assim como as semelhanças, surgem no momento em que os jesuítas vão para o espaço implantar suas missões junto aos diversos grupos étnicos presentes nos diferentes espaços geográficos.

Figura 1: Mapa étnico.



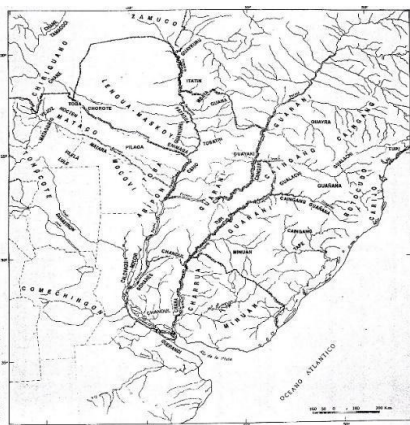
Fonte: Saíz e Palau, 1989, p.11.

Figura 2: Área de ocupação dos grupos indígenas Chané, Chiquito, Gorgotoqui, Guarani, Chiriguano, Guató, Orejone, Guaxarapo, Payaguá, Mbayá-Guaicurú e Xaray (...).



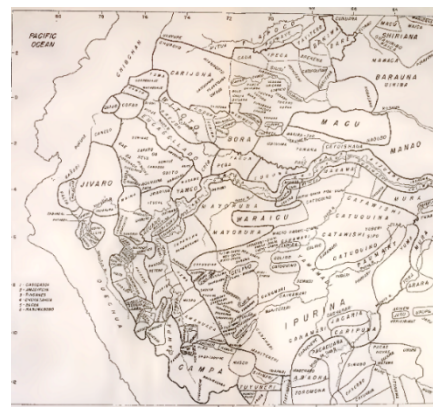
Fonte: Arruda, 2011, p.33.

Figura 3: Poblaciones indígenas hasta mediados del siglo XVIII en la región.



Fonte: Maeder e Gutiérrez, 1994, p.14.

Figura 4: Tribos nativas da Montana e oeste da bacia da Amazônia.



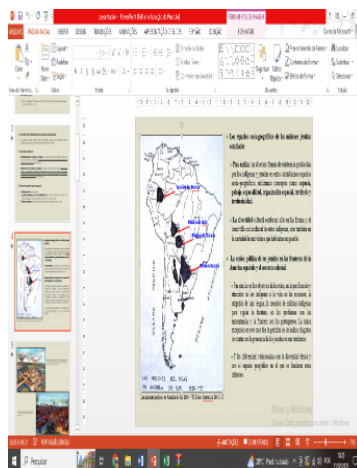
Fonte: Steward, 1963, p.14.

Discussão

É importante destacar que os espaços que analisamos em nossa pesquisa foram aqueles estabelecidos após o início do século XVIII (BARCELOS, 2000), período em que as missões jesuíticas dos Guarani, Chiquitos, Mojos e Maynas já haviam consolidado seus territórios (Fig.5). E dentre as várias possibilidades de comparação das ações políticas da Companhia de Jesus desenvolvidas nesses espaços, nós escolhemos como *unidade de análise* a estrutura urbana das missões. Sendo assim, as formas espaciais que analisamos comparativamente de acordo com as

possibilidades documentais foram as seguintes: igreja, claustro e pátio dos artificies, cotiguaçu, residência indígena e praça.

Figura 5. Las misiones jesuíticas en América del Sur 1600-1767.



Fonte: Querejazu, 1995, p.255.

Percebemos, por meio da análise documental, que as formas espaciais contribuíram para a “humanização” dos indígenas, ou seja, a conversão de índios “selvagens” em “autênticos homens” e depois em cristãos. Além disso, essas formas se caracterizaram muito mais como uma síntese cultural de influências tanto indígenas como europeia do que como um modelo imposto a priori. Afinal, as características sociais oriundas de ambos se fundiriam, se integraram e complementaram na organização dos espaços sócios geográficos, evidenciando que o projeto evangelizador empreendido pela Companhia de Jesus, mais especificamente pelos jesuítas, foi *semelhante* no que se refere à escolha de um local para a implantação do povoado missionário, aos fatores que as levaram a mudar a sua localização, aos eixos estruturadores do espaço que limitavam o crescimento e a expansão do traçado urbano. Exposto isto, analisaremos comparativamente nas linhas que se seguem é: em que medida essas formas espaciais foram semelhantes e diferentes na organização espacial das missões dos Guarani, Chiquitos, Mojos e Maynas, e na medida do possível, explicar o porquê que elas ocorrem.

Igreja

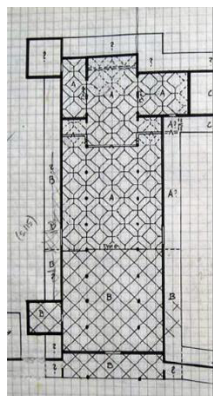
A Igreja, segundo Arno Kern, constituiu umas das formas espaciais mais importantes das missões jesuíticas aqui analisadas, *quer pelo seu volume estrutural face aos demais prédios, (...) por suas dimensões, (...) pelo lugar privilegiado que ocupa face à praça do povoado* (KERN, 2006, p. 181), ou ainda, por sua importância simbólica na conversão do indígena. Já o funcionamento da Igreja, segundo Alcides Moreno e Virgilio Salas, *comenzaba en la plaza, frente al atrio, lugar donde se los dividía y ordenaba de acuerdo a sexo y edad en cuatro sectores conformado por los hombres, las mujeres, los muchachos y las muchachas* (MORENO; SALAS, 1992, pp. 256 e 258).

Essa distribuição interna da Igreja em quatro setores bem definidos também estava presente nas missões Guarani, como bem destaca Ramón Gutiérrez (1974) (fig.06, espaços femininos em rosa e espaços masculinos em azul). Nas missões de Mojos, os homens ocupavam (fig.07, marcação A), segundo o relato do governador de Santa Cruz de La Sierra, Alonso Verdugo, *o espacio que hay desde el pulpito al presbiterio, y el de las mujeres* (fig. 07, marcação B), *empezando desde la puerta hasta la vecindad del púlpito* (PASTELLS, 1949, p. 740). E nas missões de Maynas, os homens também não se misturavam com as:

mujeres en los asientos ó hileras: para aquéllos había escaños y bancos atravesados por los dos costados de la iglesia, con bastante vacío para dos órdenes de asientos bajos á la larga para los niños; y aun todavía quedaba capacidad para que pudiese andar por medio, ya arriba, ya abajo, el misionero con su cruz en la mano. Las mujeres tenían su lugar cerca de las gradas del presbiterio en unos pueblos: en otros, detrás de los asientos de los hombres. (CHANTRE; HERRERA, [1637-1767], 1901 p. 636).

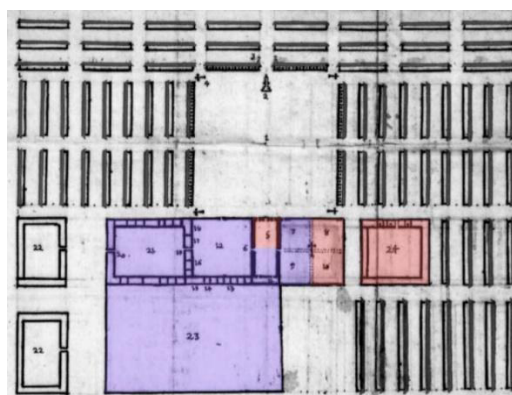
Porém, para que a distribuição no interior das Igrejas funcionasse, era preciso, segundo Alcides Moreno e Virgilio Salas, que o nível do piso fosse *totalmente plano y horizontal, sin accidente ni tropiezos, salvo una escalinata de 2 a 6 peldaños que separa el cuerpo del presbítero y los altares con las naves propiamente dichas* (MORENO; SALAS, 1992, p. 259) (fig.07).

Figura 6: El plano de un pueblo Guaraní muestra incluso espacios separados para hombres, mujeres, niños y niñas en el cementerio.



Fonte: Khüne, 2010, p.29.

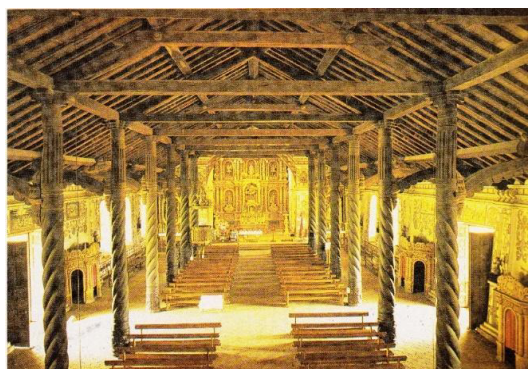
Figura 7: Iglesia San Francisco Javier (1749-1753). Planta general.



Fonte: Khüne, 2010, p.30.

Concernente ao espaço interno, era amplo e não fragmentado *como ocurriría con una edificación de sección basilical* (ORTIZ, 2008, p. 249) (fig.08). Para Victor Ortiz, as colunas de madeira que sustentam o teto da igreja não implicavam, necessariamente, uma subdivisão do espaço interior em três naves, como mencionam *los cronistas, (...) misioneros u oficiales reales o de gobierno* (ORTIZ, 2008, p. 249).

Figura 8: La sensibilidad indígena tuvo la capacidade de integrarse con las técnicas – de origen europeo- para expresar la captación y manifestación de fe religiosa. Interior, San Miguel.



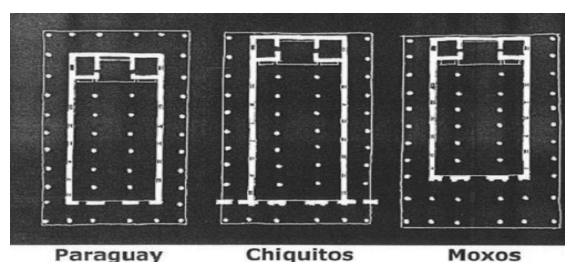
Fonte: Moreno e Salas, 1992, p.121.

Essas colunas estavam ali presentes (fig.08), pois, segundo o autor, eram tecnologicamente: *necesarias para lograr una capacidad funcional suficiente para que las dos mil o tres mil almas puedan caber en su interior. De haber existido los medios tecnológicos para salvar la luz del ancho del templo sin apelar a columnas intermedias, se hubiera construído así. En otras palabras, las columnas interiores fueron el producto de una limitación tecnológica y no la consecuencia de un ideal arquitectónico.* (ORTIZ, 2008, p. 249).

Outro elemento que se destacou na construção da Igreja foi o teto sobresaliente que o cobria, nas missões de Concepción e San Ramón, *un amplio atrio frontal, además de sobresalir también por los lados* (BLOCK, 1997 p. 103). Segundo Victor Ortiz, o átrio coberto e os corredores laterais, proporcionados pela forma exagerada do teto, além de protegerem o edifício das Igrejas das chuvas intensas e os fiéis da luz solar, podem ainda ter contribuído para a *escenificación de las complejas ceremonias y rituales urbanos (...) donde participaba toda la población* (ORTIZ, 2003, p. 168) da missão.

Ainda de acordo com autor, o átrio coberto da Igreja das missões de Mojos chegou a adotar dois ou mais *intercolumnios*, *generando un atrio cubierto que más parecía un salón abierto con una superficie de 150 hasta 300 metros cuadrados, capaz de albergar centenares de fieles* (ORTIZ, 2003, p. 168). Característica esta que, segundo o autor, diferenciava-as dos átrios das missões Guarani e Chiquitanas, já que estas sólo *abarcan una crujía o intercolumnio* (ORTIZ, 2003, p. 168) (Fig. 09).

Figura 9: Cuadro comparativo de plantas de templos entre las misiones del Paraguay, Chiquitos y Moxos.



Fonte: Ortiz, 2007, p.76.

No que se refere à Igreja nas missões de Chiquitos, ao contrário do que afirma o relato do jesuíta Julián Knogler, o espaço interno da Igreja dessas missões era amplo e não fragmentado, formando assim, uma grande nave tipo salão, assim como nas missões de Mojos (fig. 08). E o teto da Igreja era, segundo Werner Hoffman, de *dos vertientes o faldones cubierto de tejas al estilo europeo, descansaba sobre columnas formadas por troncos íntegros de árboles, hundidos en la tierra y con las raíces ligeramente quemadas, pues las paredes de adobe no podían soportar el peso del tejado* (HOFFMAN, 1979, p. 55). Nesse edifício, também havia o prolongamento do telhado, formando assim, átrio e corredores externos (fig. 09).

A Igreja nas missões Guarani, ao contrário das Igrejas de Mojos e Chiquitos, era basilical, pois assumia *a forma de uma cruz, com o transepto cortando transversalmente o eixo da nave* (KERN, 2006, p. 181). O teto da Igreja era de *duas águas, coberto com telhas de barro que avança, ultrapassando o alinhamento de fachada frontal, formando um átrio ou pórtico coberto, geralmente apoiado sobre pilares de pedra ou esbeltos esteios de madeira* (CUSTÓDIO, 2011, p. 226). Segundo o padre Arnaldo Bruxel, as Igrejas eram *sempre três as naves. Em alguns casos, tornou-se necessário aumentar a igreja, com acréscimo de mais uma nave de cada lado. Não consta que alguma igreja de cinco naves tenha sido assim planejada desde o início* (BRUXEL, 1987, p. 37). Mas o telhado dessas naves laterais era coberto por uma só água (BARCELOS, 2000).

Nas missões de Maynas, a Igreja era de uma planta *rectangular alargada y las había de una y tres naves. En algunas de las crónicas misionales se describen iglesias con 16 varas de frente (13.36 m), con una y hasta tres puertas de ingreso, la central con sus correspondientes postigos* (NEGRO, 1999, p. 289). Segundo o jesuíta José Chantre e Herrera, a Igreja era sempre *dibujaba pequeña, porque debiendo proporcionarse á la calidad de la gente, no podía ser grande la iglesia. Sin embargo, siempre sobresalía entre las casas, y en su hechura y construcción hallaban novedad los indios* (CHANTRE; HERRERA, 1901, pp. 655 e 656) (Fig. 10). Os materiais construtivos empregados pelos jesuítas na constituição do teto e das paredes desses edifícios foram o *tarapoto* (possivelmente bambu) e, em alguns casos, o *bajareque* (a taipa francesa)⁸. Em relação às três naves mencionadas pela autora, ao que tudo indica, também se tratava de um espaço amplo e não fragmentado, o que não implicava necessariamente uma subdivisão do espaço interior (fig. 08).

⁸ De acordo com Sandra Negro, *tarapoto* é uma *una especie de palma 'de cuyo tronco en abriendo y apartando el meollo, se hacen unas como tablas que sirven para cercar las casas y armar barbacoas [...] para cama, mesa asiento y otras cosas semejantes'* (Negro, 1999, p. 289). Já o *bajareque* ou *pajareque* era uma *construcción de muros hechos con troncos y ramas trenzadas con cañas y barro. El término fue traído por los españoles desde las Antillas. En algunas regiones del Virreinato del Perú, entre ellas, Maynas, se le denominó también 'tapia francesa'* (Negro, 1999, p. 289).

Figura 10: *Pobladores preparando la pesca del manati.*



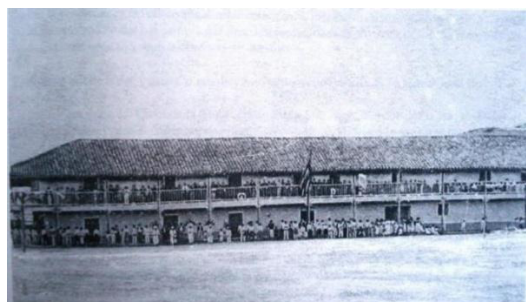
Fonte: Medina, 1999, p.451.

Além disso, a estrutura da Igreja deveria contar *con un alpende; si la edificación era de reducidas dimensiones, éste era solamente frontal, mientras que las iglesias de las reducciones más importantes tenían el alpende o pórtico techado, que rodeaba toda la edificación* (NEGRO, 1999, p. 289). Estrutura essa que, segundo a autora, era utilizada na *catequesis de los niños y en casos de fuertes lluvias, era posible llevar a cabo las procesiones, utilizando el alpende que rodeaba al templo como senda procesional* (NEGRO, 1999, p. 289).

Claustro e Pátio dos artífices

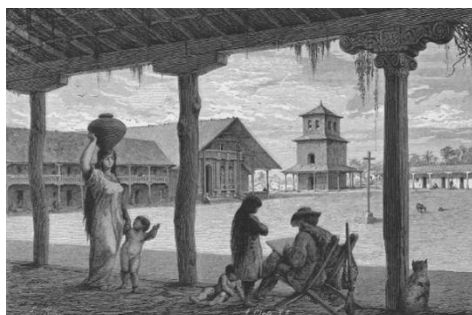
O claustro e o pátio dos artífices eram estruturas construídas uma ao lado da outra e próximas à Igreja. Nas missões de Mojos, a residência dos missionários era ampla, cômoda e se encontrava localizada em frente à praça da redução e ao lado da Igreja (BLOCK, 1997) (figs. 11 e 12). Nesse espaço, segundo Ramón Gutiérrez e Rodrigo Viñuales, havia *un solo claustro, y no de dos como en Paraguay* (GUTIÉRREZ; VIÑUALES, 1995, p. 343). Ainda de acordo com os autores, em algumas missões de Mojos, a clausura *llegó a tener en alguna de sus alas de claustro dos pisos* (GUTIÉRREZ; VIÑUALES, 1995, p. 343) (fig. 11). Essa estrutura, segundo Victor Ortiz, estava rodeada de *corredores cubiertos o galerías exteriores, inclusive dentro de los patios* (ORTIZ, 2008, p. 252). Junto a ela, estava um *edificio multipropósito, con grandes salas que servían indistintamente de depósito, comedor, (...), talleres y hospital* (ORTIZ, 2008, p. 252). Nesse espaço, segundo Victor Ortiz, os jesuítas estabeleceram *en cada pueblo talleres de carpintería, telares y sastrería, curtiduría y zapatería, trapiches, fundición y herrería* (ORTIZ, 2008, p. 252).

Figura 11: La Concepción de Baures: el clásico colegio ubicado en la parte externa del conjunto misional frente a la plaza, característica propia de las misiones de Moxos.



Fonte: Suarez/SA, p.72.

Figura 12: Antiga missão de Exaltação.



Fonte: Keller, 1875, p. 200.

Já nas missões Chiquitanas, a residência dos padres estava localizada ao lado da Igreja no interior do pátio paroquial (KÜHNE, 1996). Essa estrutura, segundo Ramón Gutierrez e Rodrigo Viñuales (1995), também era composta por apenas um claustro. Além disso, esse edifício era composto por *piezas de huéspedes, el refectorio y la despensa; (...) las escuelas, el arsenal y la vivienda del mayordomo* (HOFFMANN, 1979, p. 56). O pátio dos artífices, segundo o arquiteto Hans Roth (1995a), poderia estar localizado ao lado da residência dos jesuítas ou na parte de trás. Nessa estrutura, havia as oficinas de *carpitería, herrería, telares, trapiches para moler caña, tendales para beneficio de la cera, despensas, almacenes, todas las viviendas correspondientes (...)* (MORENO; SALAS, 1992, p. 234).

Nas missões Guarani, a residências dos jesuítas era uma estrutura de dois pátios unidos à Igreja. A estrutura interna do claustro era, segundo Arno Kern, quadrado, *transformado em jardim e rodeado de uma galeria, uma varanda coberta de telhas, cuja função imediata é uma circulação mais cômoda de uma peça para a outra, ao abrigo do sol e da chuva* (KERN, 2006, p. 184). No claustro ou residência dos padres havia, conforme Artur Barcelos, *quartos individuais dos missionários, quartos para a visita de autoridades, a cozinha, o refeitório, gabinetes de leitura, biblioteca, além de uma sala destinada ao depósito de armas de fogo* (BARCELOS, 2000, p. 184). No espaço das oficinas havia *planteros, herreros, retablistas, imagineros, albañiles, tejedores, curtidores, fundidores de campanas, constructores de órganos y espinetas, relojeros, toneleros, torneros, cafeteros, mieleros, azucareros, molineros, zapateros, peltreros, etc* (GUTIÉRREZ, 1974, p. 94).

Por fim, nas missões de Maynas, a residência dos padres se localizava, de acordo Sandra Negro, *detrás del muro testero de la iglesia, mientras que en las grandes reducciones formaba un edificio aparte* (NEGRO, 1999, p. 285). A casa do missioneiro nas missões de Maynas estava, segundo a autora, espacialmente separada da cozinha pelo pátio ou pela horta, sendo que próximo a essas estruturas se construía um pequeno curral com *animales disponibles (animales foráneos introducidos por los religiosos, tales como gallinas, patos o puercos)* (...). *Un tipo especializado de corral que nunca faltaba en una reducción era la “charapera” o “charapedilla” en la cual se criaban tortugas* (NEGRO, 1999, p. 285) (fig. 08).

Outra estrutura localizada próxima à casa do missioneiro ou ao lado do Cabildo era o trapiche, que, ainda de acordo com a autora, era utilizado somente para o *autoconsumo*. *El volumen producido en cada reducción no sólo era escaso, sino que no se daba en todos los poblados. Debido a esto, el azúcar generalmente era traído desde Quito en el despacho anual o semestral* (NEGRO, 1999, p. 288). Além dessa estrutura, havia, ainda, a ferraria e a carpintaria, as quais se constituíam como duas oficinas *muy importantes por las labores de fabricación y reparación de piezas de metal y madera que se realizaban en ellos, al mismo tiempo que permitían enseñar a los indígenas un oficio* (NEGRO, 1999, p. 288). Dessas duas estruturas, a mais importante, segundo Sandra Negro, era a carpintaria, já que naquele espaço não havia pedras para a construção. Portanto, carpinteiros e torneiros eram *llamados para elaborar desde muebles, ventanas, puertas, techos, escaleras y barandas hasta retablos y en algunas reducciones, había “imagineros” o “santeros” que habían alcanzado una notable habilidad en el esculpido de imágenes sacras* (NEGRO, 1999, p. 288).

Cotiguaçu

O Cotiguaçu, também denominado de Casa das Recolhidas, era um espaço onde residiam de forma permanente viúvas, órfãos e mulheres *cuyos maridos habían fallecido o que debían permanecer por largo tiempo fuera del pueblo. Ellas pasaban a morar en el cotiguazú con sus hijos menores* (VIÑUALES, 2007, p. 119). Assim, ao eliminar a *livre circulação de viúvas e meninas órfãs através da instituição de um local que restringisse sua liberdade atenderia à necessidade de evitar relacionamentos poligâmicos na Redução* (BARCELOS, 2000, p. 200).

A comunicação com o exterior se dava por meio de uma *puerta en común y portero en la puerta de afuera que controlaba los accesos y salidas* (GUTIÉRREZ 1974, p. 137). As atividades desenvolvidas no interior do espaço parecem, de acordo com Artur Barcelos, *estar relacionadas com a confecção de bordados e costuras dos vestidos oficiais dos homens com cargo público e paramentos para a igreja. Isto não impedia a existência de alfaiates nas Reduções* (BARCELOS, 2000, p. 198). Segundo Ramón Gutiérrez, não havia um local definitivo para *el Cotiguazú* no traçado urbano das missões Guarani, *pero en general se estima que se encontraba cerca del cementerio* (GUTIÉRREZ, 1974, p. 137).

Nas missões de Chiquitos *no se tienen indicaciones de sus existencia, ni en el plano de San José ni en documentos conocidos hasta el momento* (ROTH, 1995a, p. 486). Já nas missões de Mojos, parece não ter existido estruturas como as do Cotiguazú das missões Guarani, pois, segundo Ramón Gutiérrez, *as ancianas servidoras del templo viven hoy en comunidad en poblados como San Ignacio de Moxos por lo cual no nos extrañaría que hubieran existido aunque no apareciesen como estructuras calificadas* (GUTIÉRREZ, 2005, p. 41). Isso pode ser percebido no relato do jesuíta Francisco Eder, no qual o mesmo salienta que, distinguiu uma *casa especial para habitar los que hecho méritos para ello a quienes habían recibido el encargo de atender algunos de los numerosos huérfanos o abandonados por alguna otra razón* (EDER, 1985, pp. 356-357).

No que diz respeito às missões de Maynas, segundo os relatos dos padres Manuel Uriarte ([1175]1986) e José Chantre e Herrera ([1637-1767]1901), houve um espaço destinado ao Cotiguaçu ou *casa de recogimiento*. No entanto, essas fontes não oferecem detalhes sobre sua localização. Segundo o plano urbano ideal da arquiteta Sandra Negro, esse espaço estaria localizado ao lado da cozinha e dos currais que abasteciam a casa do missioneiro.

Residência indígena

As residências indígenas, de acordo com Alcides Moreno e Virgilio Salas, foram *uno de los elementos fundamentales en la configuración de los pueblos misioneros (...)* (MORENO; SALAS, 1992, p. 238). Nesse sentido, o propósito das residências indígenas era a consolidação da família monogâmica como uma nova forma organizativa para se viver em missão. Uma vez que na residência reducional, ao contrário da casa tradicional indígena, a família era *individualizada y separada de las otras por sólidas paredes, pero la casa contiene todavía bajo la misma techumbre*

un buen número de familias (MELIÁ, 1978, p. 161). O espaço interno dessas residências indígenas possuía, segundo Ramón Gutiérrez, *entre seis y doce unidades de estas células, pero era bastante habitual que las mismas tuvieran siete módulos residenciales, aunque de diversa disposición* (GUTIÉRREZ, 2005, p. 33). Além disso, essas estruturas não formavam *quadras, mas sim o conjunto das casas, distribuídas espacialmente de maneira uniforme a partir de três lados da praça central* (BARCELOS, 2000, p. 212).

Nas missões de Mojos, as residências indígenas eram habitadas, segundo o relato do jesuíta Francisco Javier Eder, por pelo menos duas famílias, e caso houvesse poucos membros, até três famílias habitariam o mesmo espaço. Tais famílias, segundo Victor Ortiz, estavam separadas por *muros divisorios transversales dentro de un solo módulo a dos aguas, paralelo a uno de los costados de la plaza* (ORTIZ, 2008, p. 244). Enquanto que o número de habitações variava de *una misión a otra pudiendo aproximarse al centenar en las reducciones de mayor población* (ORTIZ, 2008, p. 244).

As residências indígenas, segundo o autor, eram de *una sola planta, todas levantadas un palmo del nivel del terreno. Se construían de la misma manera que los templos, aunque su cubierta no necesariamente era de teja, siendo en la mayor parte de los casos, de hojas trenzadas de palmeras o jatata* (ORTIZ, 2008, p. 244). Contudo, havia ainda algumas casas indígenas que, segundo o jesuíta Francisco Javier Eder, eram construídas sobre estacas (*barbacoa*) para evitar inundações. E os corredores, segundo o jesuíta, eram necessários, pois eles ajudavam a proteger as paredes das residências das chuvas, além de oferecer, *sombra y brisa a los que huyen del calor en el interior de la vivienda* (EDER, [1772] 1985). Já as colunas que sustentavam o teto que cobria os corredores eram *cuadradas y bien trabajadas* (EDER, [1772]1985, p. 355), sendo que as paredes dessas residências eram bastante largas e feitas de *arcilla mezclada con paja: resulta tan fuerte, que una vez secada era difícil hendirla con reiterados golpes del azadón* (EDER, [1772] 1985, pp. 355 e356).

Nas missões de Chiquitos, as residências indígenas formavam, segundo Alcides Moreno e Virgilio Salas, *bloques o hileras de viviendas que por lo general contaban con cinco a diez habitaciones, cada una para cada familia (...)* (MORENO; SALAS, 1992, p. 241). Essas famílias, de acordo com o jesuíta Julián Knogler, *viven separadas, cada una bajo la dirección de su cacique, cuya casa se encuentra, por lo general, en una esquina de donde puede dominar con la vista la*

calle reservada para su tribu (KNOGLER, [1769] 1979, p. 148). Inicialmente, as residências indígenas eram separadas umas das outras por *cueros o chuchío y consumado el proceso de aculturación, con paredes definitivas de tabique y barro, e interconectado por las dos calles exteriores que la rodea (...)* (MORENO; SALAS, 1992, p. 241). Essas residências, assim como as das missões de Mojos, também eram cobertas com telhados de duas águas, formando assim galerias exteriores que permitiam aos *pabellones tegan doble orientación y ventilación cruzada. Las galerías proporcionaron una adecuada protección a las adversas condiciones climáticas – inclemencias de lluvias, tormentas y soles, y contribuyeron decididamente al sentido de comunidad* (MORENO; SALAS, 1992, pp. 241- 242).

Nas missões Guarani, as residências indígenas foram construídas temporariamente *com paredes de bambu e taquara e cobertas de palha. No entanto, depois de um certo tempo davam lugar a novas casas, feitas com fundações de pedras, paredes de adobes, e madeiramento de lei (...)* (BARCELOS, 2000, p. 208), além de contarem com divisões internas. Tais divisões, na opinião de Artur Barcelos, inviabilizava *a mobilidade no interior da residência, fragmentava a família extensa e obrigava a novas construções, no caso de um aumento populacional, pois não era possível descaracterizar o traçado urbano, aumentando casas e avançado sobre a rua* (Barcelos, 2000, p. 210). Esse espaço, segundo Paula Caleffi, estava dividido *em cinco ou seis habitações independentes e incomunicáveis entre si (...)* [e] *a única porta que possuíam dava saída para a rua que as separava das outras casas (...)* (CALEFFI, 1955, p. 93). Essas residências, segundo Ramón Gutiérrez, estavam rodeadas de *galerías perimetrales y sus dimensiones no eran necesariamente iguales de un pueblo a otro ni aún dentro del mismo pueblo* (GUTIÉRREZ, 2005, p. 33).

Assim como nas demais missões, as residências indígenas foram *bastante similares a la gran casa comunitaria que ellos usaban, propia de la tradición tribal y polígama* (VIÑUALES, 2007, p. 119). As estruturas internas dos edificios eram todas iguais e privativas de uma família monogâmica, a única diferença nesse caso, segundo Graciela Viñuales, era a *mayor o menor proximidad a la plaza o a la iglesia. Las familias se agrupaban por afinidad de origen y de parentesco, sin recibir tratamientos diferenciados* (VIÑUALES, 2007, p. 119). No que se refere ao espaço externo, Graciela Viñuales salienta que esse não estava subdividido e nem contava *con espacios abiertos individuales, sino comunitarios: calle y patio eran una misma cosa.* (VIÑUALES, 2007, p. 119).

Nas missões de Maynas, as residências indígenas, de acordo com o relato do jesuíta José Chantre e Herrera, ficavam *poco distantes de la iglesia, en menos de media hora del primer toque de la campana, estaba ya junta toda la gente en ella* (CHANTRE e HERRERA, [1637-1767] 1901, p. 636) (fig. 10). Assim como nas missões de Mojos e Chiquitos, a maior dificuldade dos jesuítas foi a *inexistencia de materiales constructivos tradicionales, como las piedras o la arcilla. Algunos religiosos intentaron fabricar ladrillos, pero debieron desistir muy pronto, ya que éstos se quebraban por la falta de arcilla de calidad* (NEGRO, 1999, p. 288). É bem possível que, assim como a Igreja, as residências indígenas também fossem pequenas, em alguns casos, devido ao número de indígenas reduzidos nessas missões (fig. 10).

Essa variação no número de habitantes de uma missão se deve, em partes, à reunião de diferentes etnias em um mesmo espaço missioneiro. Segundo Peter Downes, para algumas etnias, a família era composta por sua comunidade e, *eventualmente, podía extenderse a otros grupos hasta formar una estructura tribal con caciques y chamanes, los cuales tenían más bien la función de líderes en tiempos de conflictos, no de autoridad permanente* (DOWNES, 2005, p. 180). Se antes já era *difícil para los indígenas convivir con grupos afines y cercanos, les resultó casi imposible hacerlo con otros grupos que habían sido sus tradicionales enemigos* (DOWNES, 2005, p. 181). Segundo o autor, mesmo com toda as dificuldades, os jesuítas conseguiram avanços na *convivencia interétnica en la Amazonía en los años anteriores a su expulsión* (DOWNES, 2005, p. 181).

Praça

A praça como centro ordenador do espaço missioneiro foi *um dos elementos mais importantes da configuração do traçado urbano nas reduções* (BARCELOS, 2000, p. 225), já que esse era o espaço de *catequesis, de la fiesta cívica o religiosa, de los juegos, del intercambio, de a socialización, el punto de partida para ir al trabajo (...)* (GUTIÉRREZ; VIÑUALES, 1995, p. 338), treinamento militar, além de, é claro, formar sobre o espaço *una nueva y efímera escenografía de arcos triunfales, altares portátiles, capillas posas, castillos de fuegos artificiales y otros mecanismos de persuasión y deslumbramiento que forman parte de la mecánica de comunicación del barroco* (GUTIÉRREZ, 2005, p. 30).

No centro das missões de Mojos estava a praça *con la cruz marcando dramáticamente el predominio de la iglesia sobre el terreno, y su generosa amplitud contribuye a destacar la presencia*

del templo, que actúa como verdadero núcleo material y espiritual de la comunidad (ORTIZ, 2007, p. 84). A praça era delimitada de um lado pela Igreja, claustro, campanário, quinta e o pátio dos artífices e, por outro, pelas viviendas indígenas, *mediando cada lado ciento sesenta passos* (EDER, 1985, pp. 356- 357) (fig. 12).

De acordo com Victor Ortiz, o que contribuiu para a *aceptación indígena de la propuesta misional el hecho de que la plaza no fuera una exclusividad española (...), pues muchos poblados indígenas también contaban con ellos antes de su contacto con los europeos* (ORTIZ, 2007, p. 81). Esse ambiente, conforme Victor Ortiz, funcionava como um grande átrio que, junto com as *capillas posas*, enriqueciam o *ceremonial a escala urbana, preservando el estrecho y milenario vínculo entre el nativo y la naturaleza, en donde hasta la llegada de los conquistadores moraban sus dioses* (ORTIZ, 2008, p. 243) (fig. 13).

Figura 13: Plaza, templo, posa y colegio de la reducción de Concepción.



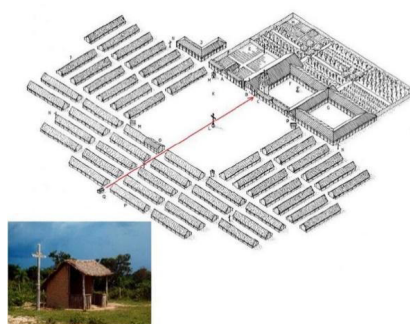
Fonte: D'Orbigny, 1847, p.77.

As *capillas posas*, segundo Victor Ortiz, se tratavam de simples *construcciones a dos aguas con el mojinete enfrentado a la plaza, estableciendo una especie de ochave a la misma. Se las reconoce como elementos puntuadores del espacio* (ORTIZ, 2008, p. 244) (fig. 13), orientando assim o sentido das procissões.

Nas missões de Chiquitos, a praça era *ernome, decorada en el centro con una cruz de piedra rodeada palmeras (...)* [e] *al principio de cada calle se emplazó una cruz con palmeras y, en los cuatro ángulos de la plaza, capillas destinadas a las procesiones (...)*. (D'ORBIGNY, [1826 a 1833]1945, p. 1148). Segundo o relato do viajante Alcide D'Orbigny, a praça era delimitada de um lado pela Igreja, claustro, campanário, quinta e o pátio dos artífices, e, por outro, por *las casas de los jueces, que en total constituyen nueve grupos de casas* (D'ORBIGNY, [1826 a 1833] 1945, p. 1148).

Já as *capillas posas*, segundo Gutiérrez e Viñuales, *cumplían funciones no sólo para la fiesta sino también para la catequesis* (GUTIÉRREZ; VIÑUALES, 1995, p. 341). No entanto, o que permitiu a aceitação da praça pelos indígenas foi o fato de ela não ser, assim como em Mojos, uma exclusividade da colonização espanhola, já que estes mantinham em suas aldeias *invariablemente un recinto central o plaza como elemento estructurador* (MORENO; SALAS, 1992, p. 182; grifos do autor). Outro elemento que compunha a organização espacial das missões de Chiquitos era a *capilla Betania*. Essa estrutura, segundo o arquiteto Hans Roth, além de representar *o lugar donde comienza la procesión del Domingo de Ramos* [era também o] *punto extremo del eje regulador que termina pasando por el centro de la plaza* (ROTH, 1995a, p. 487) (fig. 14).

Figura 14: El primero de estos caminos sigue al eje longitudinal del pueblo, desde la capilla Betania a la entrada del pueblo hacia la entrada al templo.



Fonte: Khüne, 2010, p.9.

Nas missões Guarani, o ponto central era a *gran plaza, casi cuadrada, a la que se llegaba a través de una ancha y recta avenida que, partiendo de una cruz plantada a la entrada del pueblo, desembocaba frente a la iglesia* (VIÑUALES, 2007, p. 117). E assim como nas demais missões, a praça era delimitada pelo conjunto missional de um lado e, do outro, pelas residências indígenas. Já no lugar das *capillas posas* das missões de Mojos e Chiquitos, havia uma cruz em cada esquina da praça, que, junto com as duas capelas de entrada da missão, *complementaban pues las actividades litúrgicas demostrando la intención de no circunscribirlas meramente al templo principal y de valorar la Plaza como espacio con valor expresivo en lo ritual* (GUTIÉRREZ, 1974, p. 124). Para Ramón Gutiérrez (2005), as cruzes também serviam de *capilla posas* no ângulo da praça ao

orientarem a direção das procissões. No lugar da *capilla Betania* das missões de Chiquitos, havia uma outra cruz situada na entrada da missão.

Nas missões de Maynas a praça era *cuadrangular, alrededor de la cual se situaban la iglesia y otros edificios de carácter público. Al centro de la plaza se colocaba un reloj de sol (...)* (NEGRO, 1999, p. 284). Segundo o relato do jesuíta José Chantre e Herrera, havia ainda nessas missões a presença de *capillas* e altares móveis, na qual os sacristãos

Armaban (...) para las pausas que había de hacer la procesión, en donde colocado el viril ó custodia, entonaban los cantores, acompañados de instrumentos, algún himno ó canción devota del Misterio. Disponíanse de modo las capillas, que desde ellas podía el misionero echar la bendición á todas las partes del pueblo. En algunas reducciones más adelantadas no faltaban algunas mantas de gusto, por la pintura y labor delicada de los indios, con que formaban sus capillas, y en otros pueblos las solían hacer de mantas ó cubiertas de lamas, las cuales eran vistosas y lucidas por la pintura y variedad. (CHANTRE e HERRERA, [1637-1767] 1901, p. 661).

Essas estruturas móveis, conforme os arquitetos Teresa Gisbert e José de Mesa, eram levantadas em espaços nos quais não havia *posas* de *mampostería* para realização de festas⁹ (fig. 15).

No caso das missões de Maynas, as *capillas* e altares móveis eram para a realização *procesiones, los rituales de la Cuaresma hasta las de cementerio* (NEGRO, 1999, p. 284). É bem possível que a falta dessas estruturas estivesse relacionada à carência de material construtivo (tais como pedras e argila). Contudo, não queremos dizer que elas não tenham existido, já que no interior das missões havia tanto diferenças como semelhanças na organização espacial de seus planos urbanos em virtude do espaço geográfico em estavam inseridas.

Figura 15: Posa eventual levantada em Ayaviri, Dep. de Puno (Perú). Según Paul Marcoy. Muestra el traslado de elementos tropicales a la puna.

⁹ Segundo os arquitetos Angélica María Herrera e V. Germán Guillermo Madrid, *mampostería se entiende la elaboración de estructuras mediante la disposición ordenada de unidades de mampostería, cuyas dimensiones son pequeñas comparadas con las del elemento que se va a construir (muro, bóveda, etc.), cuyo peso y tamaño depende del sistema de manejo que se vaya a emplear (manual, equipo mecánico, equipo motorizado, etc.)* (HERRERA; MADRID, s/a: 05).



Fonte: Gisbert e Mesa, 1997, p.160.

Considerações Finais

O que nós evidenciamos até aqui é que o projeto evangelizador empreendido pela Companhia de Jesus foi semelhante no que se refere ao plano geral de suas ações políticas e à implantação das mesmas formas espaciais (com exceção do cotiguaçu) nas quatro espacialidades missioneiras analisadas e, ao mesmo tempo, sofreu tanto diferenças como semelhanças, e não apenas uma em detrimento da outra, em virtude do espaço geográfico, das etnias indígenas e do contexto histórico em que elas estavam inseridas.

Desse modo, nossa pesquisa preencheu as condições necessárias para que houvesse uma comparação histórica, ou seja, uma certa semelhança e uma certa diferença entre os dados observados, já que sem a presença desse jogo dinâmico entre semelhanças e diferenças, não seria possível falar em História Comparada. Assim, ao evitarmos as breves comparações e as justaposições de informações em blocos sínteses, demonstramos, por meio do uso do método comparativo, em que medida as missões jesuíticas dos Guaranis, Chiquitos, Mojos e Maynas foram semelhantes e diferentes em sua organização espacial. Tarefa esta que, além de nos propor um grande desafio ao impor a escolha de um recorte espaço-temporal que atravessasse as quatro espacialidades missioneiras em questão, obrigou-nos, ainda a realizar problematizações específicas para responder nossas indagações.

Portanto, a missão jesuítica não foi apenas um espaço de evangelização, mas também uma instituição de fronteira, pois, além de estar estabelecida em lugares estratégicos, cumpria a função de “estado-tampão”, isto é, de barrar caminho às áreas de metais preciosos. Assim, a missão como “instituição de fronteira” seria uma característica da colonização luso-espanhola em muitas áreas, o

que contribuiu para cristalizar ainda mais a imagem do indígena como “verdadeiro guardião da fronteira”.

No entanto, a inserção desses indígenas nas missões jesuíticas não foi de toda maneira forçosa, já que houve, por parte deles, um interesse nos benefícios que poderiam receber ao trocar o seu modo de vida tradicional pela vida na missão. Entre esses motivos estava o caráter de refúgio que a missão proporcionava contra a ação dos espanhóis e dos portugueses, além do acesso tão desejado pelos indígenas à tecnologia do ferro. Assim, o que os jesuítas realizaram nas missões Guarani, Chiquitos, Mojos e Maynas foi uma ação civilizadora simultaneamente à evangelização. Portanto, a ação da Companhia de Jesus foi bastante semelhante nessas quatro espacialidades missioneiras no que se refere aos objetivos da ordem, à pacificação e atração dos indígenas para a vida nas missões, à adoção de um idioma geral diante da diversidade étnica, à criação de milícias indígenas para guarda da fronteira, à escolha de um local para a implantação do povoado missioneiro, aos fatores que as levaram a mudar sua localização, bem como aos eixos estruturadores do espaço que limitavam o crescimento e a expansão do traçado urbano. A única exceção, nesse caso, foi a solicitação feita pelos índios chiquitos para ter a presença dos jesuítas em seus territórios.

Em relação ao contexto em que as quatro espacialidades missioneiras estavam inseridas, todas sofreram problemas com as *encomiendas* e a fronteira com os portugueses. As diferenças aqui estavam relacionadas ao espaço geográfico em que cada missão foi fundada, como também às populações indígenas presentes nessas espacialidades. Com relação às formas espaciais aqui analisadas, percebemos que a estrutura física da Igreja nessas missões foi semelhante e diferente no que se refere à sua localização em relação às outras formas espaciais que compunham o conjunto urbano (exceto as missões de Maynas, que variou sua localização), em suas dimensões e divisões internas (exceto as missões de Guarani, que chegaram a ter 5 naves), no aproveitamento do conhecimento indígena e dos recursos oferecidos pelo espaço geográfico, nos tetos sobressalentes e nas galerias laterais e nos átrios (variando apenas suas dimensões). O claustro e o pátio dos artífices foram diferentes no que tange à localização, edificação e funções desenvolvidas em suas estruturas (além de outras que estavam agregadas à casa dos missioneiros em Maynas), e semelhantes no espaço interno das estruturas, uma vez que as missões contavam com corredores cobertos dentro dos pátios. Em relação ao cotiguaçu, a diferença estava na localização e na forma

como a estrutura estava organizada nas missões de Mojos, Guaranis e Maynas, além de não ter indicação de sua existência nas missões de Chiquitos.

Nas residências indígenas, as diferenças entre essas estruturas estavam no número de habitações destinadas a cada família, nas técnicas de edificação e nos materiais empregados na construção das mesmas (construções sobrelevadas do chão para evitar inundações nas missões de Mojos e Maynas), e foram semelhantes em seus aspectos exteriores, tais como cobertura dos telhados e, conseqüentemente, a formação de galerias exteriores devido aos tetos sobressalentes. Já a praça foi diferente em suas dimensões e recursos cerimoniais (*capillas posas e betania*, cruzes e relógio de sol) empregados para a cristianização dos indígenas, e semelhante nas funções que eram desempenhadas nesses espaços. Portanto, as missões jesuíticas dos Mojos, Chiquitos, Guaranis e Maynas foram ao mesmo tempo semelhantes e em nada parecidas em sua organização espacial em virtude da ação do projeto evangelizador empreendido pela Companhia de Jesus, do espaço geográfico e das populações indígenas que nele estavam presentes.

FONTES

- Auto de Inquirição (cópia) do soldado Rafael Romero sobre o ouro e comercio ilícito que os curas da missão de Baures com os portugueses do destacamento de Santa Rosa.** Documento 887, caixa 15 – AHU (Arquivo Histórico Ultramarino). 1770, Março, 30. Núcleo de Documentação de História Escrita e Oral da Universidade do Estado de Mato Grosso (NUDHEO/UNEMAT).
- D'ORBIGNY, Alcides (1945). **Viaje a la America Meridional** (Brasil – República del Uruguay – República Argentina – La Patagonia República de Chile – República de Bolivia – República del Perú [1826 a 1833]). Tomo IV. Buenos Aires: Editorial Futuro.
- D'ORBIGNY, Alcides. Atlas Historique, Géographique, Géologique, Paléontologique et Botanique. *In: Voyage dans l'Amérique méridionale: (le Brésil, la république orientale de l'Uruguay, la République argentine, la Patagonie, la république du Chili, la république de Bolivia, la république du Pérou), exécuté pendant les années 1826, 1827, 1828, 1829, 1830, 1831, 1832, et 1833.* Tome VIII. Paris: libraire de la Société Géologique de France, 1847.
- EDER S.J., Francisco Javier (1985). **Breve Descripción de las Reducciones de Mojos [ca. 1772].** Traducción y edición de Josep M. Barnadas. Cochabamba: Historia Boliviana.
- KNOGLER S.J., Julián (1979). Relato sobre el país y la nación de los chiquitos en las Indias Occidentales o America del Sud y las misiones en su territorio, redactado para un amigo [1769]. *In: HOFFMAN, Werner. Las misiones jesuíticas entre los Chiquitanos.* Fundación para la educación, la ciencia y la cultura. Buenos Aires.
- URIARTE, Manuel S.J (1986). **Diario de un misionero de Maynas.** Monumenta Amazónica - série Misioneros de Maynas [1775]. IIAP-CETA. Iquitos: Editorial Universo.
- VERDUGO, Alonso (1949). Diario del viaje hecho por el Gobernador de Santa Cruz de la Sierra a la fortaleza de los portugueses establecida en el pueblo de Santa Rosa el Viejo por el Gobernador de

Matogrosso. Carta de Don Alonso Verdugo, Gobernador de Santa Cruz de la Sierra, a la Real Audiencia de la Plata [1760]. In: PASTELLS, Pablo. **Historia de la Compañia de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil)**. Según los Documentos Originales del Archivo General de Indias. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Instituto Santo Toribio de Mogrovejo, Tomo VIII, Segunda Parte (1760-1768).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ANZAI, Leny Caselli (2007). Missões: Territórios diversos, múltiplas fronteiras. Práticas culturais no movimento de ocupação e reocupação dos espaços. In: **Minicurso: Missão por redução: experiências americanas**. XXIV Simpósio Nacional de História (ANPUH) - História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. UNISINOS, de 15 a 20 de julho de 2007, São Leopoldo/RS. Fonte: <https://bit.ly/2KurzIU>.
- ANZAI, Leny Caselli (2008). Missões religiosas de Chiquitos e a Capitania de Mato Grosso. In: Silva, Joana A. Fernandes (org). **Estudos sobre os Chiquitos no Brasil e na Bolívia: história, língua, cultura e territorialidade**. Goiânia: Ed da UCG.
- ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de (2011). **Condicionantes étnicos na criação das Missões de Chiquitos: alianças e conflitos na Chiquitania e no Pantanal (1609-1691)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BARCELOS, Artur H. F. (2000). **Espaço e Arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista**. (Coleção Arqueologia 7). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin (1996a). Para uma história comparada das sociedades europeias. In: **História e Historiadores**. Textos reunidos por Étienne Bloch. Tradução de Telma Costa. Editorial Teorema, LDA.
- BLOCK, David (1997). **La cultura reduccional de los Llanos de Mojo**. Sucre: Historia Boliviana.
- BRUXEL, Arnaldo (1987). **Os trintas povos Guaranis**. Porto Alegre, EST/Nova Dimensão.
- CALEFFI, Paula (1955). O traçado das reduções jesuíticas e a transformação de conceitos culturais. In: **Veritas**, vol. 1, n. 1, Porto Alegre: PUC.
- CASTILHO PEREIRA, Ione Ap. M. (2007). Urbanismo Missioneiro: ensaio comparativo das reduções de Guarani, Chiquitos e Mojos. **III Seminário Internacional de História: Instituições, Fronteira e Política na América História Sul-Americana**, XIII Seminário do Departamento de História, III Fórum do Programa de Pós-Graduação em História. Maringá/PR, Universidade Estadual de Maringá – UEM.
- CASTILHO PEREIRA, Ione Ap. M (2008). **Missão jesuítica colonial na Amazônia Meridional: Santa Rosa de Mojo uma missão num espaço de fronteira (1743-1769)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- CASTILHO PEREIRA, Ione Ap. M (2014). **Em tudo semelhante, em nada parecido: Uma análise comparativa dos planos urbanos das missões jesuíticas de Mojos, Chiquitos, Guarani e Maynas (1607 – 1767)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato (2011). **Arquitetura e urbanismo jesuítico-Guarani: regras e resultados**. Porto Alegre: Ed. UniRitter.

- DOWNES, Peter (2005). Jesuitas en la Amazonía: experiencias de Brasil e Quito. In: Hernández Palomo, José Jesús; Moreno Jeria, Rodrigo (Coords.). **La Misión y los Jesuitas en la América Española, 1566-1767: cambios y permanencias**. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Sevilla.
- GISBERT, Teresa; MESA, Jose de (1997). **Arquitectura Andina 1530-1830**. Embajada de España em Bolivia, La Paz.
- GUTIÉRREZ, Ramón (1974). Estructura socio-política, sistema productivo y resultante espacial en las misiones jesuíticas del Paraguay durante el siglo XVIII. In: **Estudios Paraguayos**, Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”, vol.2, nº 2, Asunción del Paraguay.
- GUTIÉRREZ, Ramón & VIÑUALES, Rodrigo Gutiérrez (1995). Territorio, Urbanismo y Arqitetura em Moxos y Chiquitos. In: QUEREJAZU, Pedro (org.). **Las Misiones Jesuíticas de Chiquitos**. Laz Paz. Bolivia: Fundacion BHN/Línea Editorial/ La papelera S.A.
- HERRERA, Angélica María; MADRID, V. Germán Guillermo (s/a.). **Manual de Construcción de Mampostería de Concreto**. Instituto Colombiano de Productores de Cemento.
- HOFFMAN, Werner (1979). **Las misiones jesuíticas entre los Chiquitanos**. Fundación para la educación, la ciencia y la cultura. Buenos Aires.
- KERN, Arno Alvarez e JACKSON, Robert. **Missões Ibéricas Coloniais: da Califórnia ao Prata**. Porto Alegre: Pailer, 2006.
- KERN, Arno Alvarez (1982). **Missões: uma utopia política**. (Documenta 14). Porto Alegre: Mercado Aberto.
- KÜHNE, Eckart; ROTH, Hans; HUSEBY, Gerardo. Cálogo de los objetos expuestos en Lucerna. In: KÜHNE, Eckart (orgs). **Las misiones jesuíticas de Bolivia: Martin Schmid: 1694-1772: misionero, músico y arquitecto entre los chiquitanos**. Santa Cruz de La Sierra: Sirena, 1996.
- KÜHNE, Eckart; ROTH, Hans; HUSEBY, Gerardo (2010). **Tres observaciones adicionales sobre el urbanismo de las misiones jesuíticas. XIII jornadas internacionais sobre as missões jesuíticas: Tema geral: fronteiras e identidades: povos indígenas e missões religiosas**. Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul.
- MAEDER, Ernesto J; GUTIÉRREZ, Ramón (1994). **Atlas histórico y urbano de la región del nordeste argentino: pueblos de indios y misiones jesuíticas (siglos XVI-XX)**. Resistencia: Instituto de Investigaciones. Geohistoricas, Conicet, Fundanord.
- MEDINA SJ., Francisco de Borja (1999). **Los Maynas después de la expulsión de los jesuitas**. In: NEGRO, Sandra; Marzal S.J. Manuel María. (orgs). **Un Reino en la Frontera – las misiones jesuitas en la América colonial**. Perú: Pontificia Universidad Católica del Perú, Ediciones ABYA-YALA, Fondo editorial.
- MORENO, Alcides Parejas & SALAS, Virgilio Suárez (1992). **Chiquitos – Historia de una utopía**. Universidad Privada de Santa Cruz de la Sierra.
- MORENO, Alcides Parejas & SALAS, Virgilio Suárez (2011). **Historia del Oriente Boliviano siglos XVI y XVII**. Bolivia: Editorial Universitaria, Publicaciones del Bicentenario U.A.G.R.M., 2ªed.
- NEGRO, Sandra. Mayna, una misión entre la ilusión y el desencanto. In: NEGRO, Sandra & Marzal S.J. Manuel M. (orgs) (1999). **Un Reino en la Frontera – las misiones jesuitas en la América colonial**. Perú: Pontificia Universidad Católica del Perú, Ediciones ABYA-YALA, Fondo editorial.
- ORTIZ, Víctor Hugo Limpías (2007). Misión de Moxos. **Revista APUNTES**. vol. 20, núm. 1. Enero-Junio.

- ORTIZ, Víctor Hugo Limpas (2008). **O Barroco na missão jesuítica de Moxos**. *In: Varia História*, Belo Horizonte, vol. 24, nº 39: p.227-254, jan/jun.
- QUEREJAZU, Pedro (org.) (1995). **Las Misiones Jesuíticas de Chiquito**. La Paz. Bolivia: Fundación BHN/Línea Editorial/ La papelera S.A,
- ROTH, Hans (1995a.). El Plano Ideal de Urbanismo Misional de Chiquitos. Segunda Parte. Capítulo Tercero. Libro Tercero. *In: QUEREJAZU, Pedro (org.). Las Misiones Jesuíticas de Chiquitos*. Laz Paz. Bolivia: Fundacion BHN/Línea Editorial/ La papelera S.A.
- SUÁREZ, José Chávez (s/a). **Historia de Moxos**. República Boliviana de Mojos: Fundación Nova.
- VIÑUALES, Graciela María (2007). **Misiones jesuíticas de guaraníes (Argentina, Paraguay, Brasil)**. *In: Misiones jesuíticas en Iberoamérica. Revista APUNTES*. Instituto Carlos Arbeláez Camacho para el Patrimonio Arquitectónico y Urbano (ICAC). Publicación semestral de la Facultad de Arquitectura y Diseño Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá, Colombia vol. 20 núm. 1 pp. 1 e 168 enero-junio.